

**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## **DIBUBUÍSMO POR RIOS ANTES NÃO NAVEGADOS**

**Marise Maués Gomes**  
**PPGARTES/UFPA**

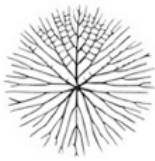
### **Introdução:**

O presente texto tem a singela pretensão de compartilhar minha experiência em campo de parte do meu processo criativo no projeto de pesquisa em Artes, trazendo para reflexão a questão da imigração de venezuelanos indígenas para Belém do Pará, em decorrência da grave crise política, econômica e humanitária enfrentada pela Venezuela. Ressalte-se que esse não era o pano de fundo para a minha reflexão sobre a performance, linguagem artística que experiencio desde 2014, mas fruto da impossibilidade de levar adiante o projeto original que pretendia desenvolver, aliado ao impacto do contato com estes indígenas, alterou meus caminhos. Contudo a imigração de venezuelanos para Belém do Pará é fato em nossa história recente a qual requer atenção e reflexões urgentes.

No intuito tomar a pesquisa em artes como um processo híbrido, a partir da noção de desterritorialização de seu cânone em busca de outras áreas do conhecimento, o presente projeto encontra aporte teórico no pensamento de Jacques (2012), que teoriza sobre a prática da errância; Macé (2018) e Bauman (2017), que lançam luzes sobre o processo de migração; Ferreira (2013) para ponderar sobre performance etnográfica; Foucault (2013) para pensar o corpo utópico; Rey (2002) para refletir a pesquisa em Artes; Rangel (2015) que traz contribuições sobre o trajeto criativo. A pesquisa traz para o campo do sensível a prática do dibubuismo, conceito cunhado por Loureiro (2007), onde faço um paralelo ao conceito de errância, que se reveste em fio condutor ao trajeto criativo da pesquisa. A deriva é um tipo específico de errância urbana, uma apropriação do espaço urbano pelo vivenciador através da ação do andar sem rumo, Jacques (2012, p. 213). De outra banda, o conceito de dibubuismo cunhado por Loureiro (2007) aproxima-se do conceito de deriva, na medida em que: "O "dibubuismo" é o ato de seguir boiando no rio, ir "de bubuia", levado pela correnteza" (LOUREIRO, 2007, p. 180/181).

### **Metodologia**

O presente projeto de pesquisa se inscreve na linha de Poéticas e Processos de Atuação em Artes, assim, minha incursão no acampamento dos indígenas Warao será um dibubuiar em seu cotidiano, em uma atitude de alteridade ao me deixar levar pela correnteza de situações diversas que o processo criativo possa apontar como quem atira uma flecha e não tem a noção de onde chegará. Parto do pressuposto de que na pesquisa em Artes não há certezas, mas tão somente intenção (ões), propósito (s), pois não se tem um produto acabado como na pesquisa sobre arte, mas é no ato de fazer



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

que se reflete sobre o que se está fazendo, e é no ato do fazer que a matéria oferece resistência, entenda-se matéria não só como algo físico, palpável, inclua-se aí pensamento enquanto matéria.

## **Resultados e discussão**

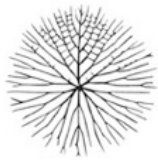
A maior etnia indígena venezuelana atualmente no Brasil são os Warao. "Povo da água" na língua nativa - grupo étnico constituído originalmente há mais de oito mil anos na região do Delta do rio Orinoco e são hoje a segunda maior etnia da Venezuela com cerca de 49 mil indivíduos. É um grupo com características específicas que, a partir de 1960, em virtude de intervenções em seu território, que impactaram sua água e o seu solo de origem, passaram a estabelecer ciclos migratórios para os centros urbanos. Posteriormente, na década de 1990, a Venezuela enfrentou uma epidemia de cólera que provocou a morte de cerca de 500 pessoas no delta do rio Orinoco, em sua maioria, indígenas Warao. Em busca de atendimento médico, comunidades inteiras se deslocaram para as cidades. Essa mesma época é marcada pela contaminação ambiental do território indígena comprometendo as condições de sobrevivência local.

A partir do final de 2016, em virtude dos problemas de desabastecimento de produtos básicos, da hiperinflação e do aumento da violência causados pela crise econômica e política que afeta o país, os Warao iniciaram um novo ciclo de migração mais forte, desta feita em dimensões transfronteiriças, vindo para o Brasil.

Atualmente, registra-se a presença dessa população em diferentes cidades dos estados de Roraima, Amazonas e Pará e, há pouco tempo nas capitais do Maranhão, Piauí e Ceará. A presença de indígenas refugiados no Brasil iniciou com um fluxo moderado a partir de 2016 na região Norte, principalmente nos estados de Roraima e Amazonas, seguido do Pará em 2018 (ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS, 2019). Atualmente estima-se que haja aproximadamente 4 mil indígenas refugiados vindos da Venezuela no território brasileiro (ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS, 2019).

Meu primeiro contato com a etnia Warao foi no final de setembro, quando se encontravam acampados na praça Felipe Patroni, no Centro de Belém. Eu era uma estranha para aquelas pessoas, como me aproximar delas sem que desconfiassem de mim, afinal, estão longe de casa, falam outra língua, dispersos e sem paradeiro exato. Migram da Venezuela, passando pelos Estado de Roraima, Manaus e finalmente Pará. Passaram de acampamento em acampamento até chegar aqui e em muitos casos Belém não significa o fim da jornada.

É certo que o passo que me levou junto aos Waraos não foi um passo consciente, mas fruto do acaso, pois naquela noite, eu saíra do Museu do Estado do Pará que fica nas adjacências da Praça Felipe Patroni e podia sentir a brisa noturna que soprava lá das bandas da baía do Guajará. O sol há pouco havia declinado por detrás da cobertura de



folhagens que margeava a baía do Guajará, tingindo o céu anil de um laranja intenso. Resolvera fazer uma deriva noturna naquela noite, na esperança de fotografar algo que suscitasse meu olhar. Após caminhar por uns cinco metros bispei um aglomerado de lonas azuis suspensas no ar por cordas retesadas que iam de uma árvore a outra. Me aproximei pé ante pé, como que, com medo de ser interpelada e me pus a espiar o grupo de pessoas que ocupava o interior do acampamento.



Figura 1. Barracas de lona. Acervo pessoal, 2019



Figura 2. Grupo de Waraos acampados. Acervo pessoal, 2019

Os moradores do acampamento em pleno centro da cidade e à vista de vários órgãos públicos eram indígenas da etnia Warao e se abrigavam em barracas improvisadas de lona, assoalhadas com papelão que recolhiam no comércio. Faziam suas necessidades fisiológicas no banheiro público situado no Ver-o-Peso. A noite, quando o comércio fechava suas portas iam tomar banho, escovar os dentes e lavar roupa com água que jorrava de um cano. A comida era tratada ali mesmo no meio da praça e cozida em fogões à lenha ou carvão onde também lavavam suas louças e roupas, as quais eram estendidas sobre a grama ou em cordas.

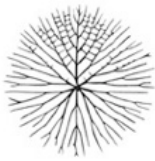


Figura 3. Fogões à lenha e carvão. Acervo pessoal, 2019



Figura 4. Waraos no banho. Acervo pessoal, 2019

Vi ali a chance de realizar meu projeto de pesquisa, afinal "o que tem acontecido nos últimos anos é um enorme salto no contingente de refugiados e pessoas em busca de



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

asilo" (BAUMAN, 2017, p. 11). Contudo, não queria apenas ser uma espécie de pesquisadora de gabinete, mas queria sentir na pele o que é ser um desterrado de sua pátria e assim poder falar "com conhecimento de corpo", afinal "meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que jamais se encontra sob outro céu" (FOUCAULT, 2013, p. 7). Percebi um número significativo de crianças e adolescentes que zanzavam pela praça sem ter o que fazer, enquanto suas mães saíam para a coleta diária, pelo que comprei uma lona de plástico, tal como as que os venezuelanos se abrigavam transformando-a em um local para a prática de atividades artísticas, tais como o desenho, a pintura e a fotografia com as crianças e adolescentes. A mesa fora improvisada com caixas de frutas doadas pelos feirantes do Ver-o-Peso que recebeu um tempo compensado que trouxera de casa.

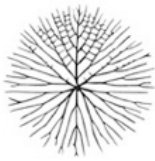
Enquanto o acampamento se estendeu na praça Felipe Patroni foram desenvolvidos trabalhos de pintura, desenho, colagem com crianças e adolescentes e construção da câmera obscura com adolescentes. Não consegui completar a oficina de fotografia com os adolescentes, pois no dia seguinte os mesmos foram remanejados para o abrigo na Perimetral, frustrando assim minha intenção de qualificar os adolescentes nas técnicas de fotografia a fim de que fotografassem seu cotidiano no acampamento.

A fim de expor meu corpo ao cotidiano do acampamento, sob o sol moente de deixar o corpo fraco, tomei a iniciativa de ajudar na feitura do almoço ali no meio da praça. Assim, providenciei frango, verduras e legumes, ingredientes com os quais fizemos o almoço naquele dia.

O acampamento apresentava muitas demandas. Quando os refugiados não se encontravam "sob o guarda-chuva" do estado, ficavam à própria sorte, portanto responsáveis pelo seu sustento, sobrevivendo de doações de dinheiro nos sinais e calçadas e de donativos que chegavam no acampamento, tais como alimentos, roupas, brinquedos, calçados. Então sempre aparecia uma demanda para mim, uma me pedia uma calça legging, outro um sapato, outro queria uma mesa para escrever, outro uma sandália e assim por diante. A memória não dava conta de gravar os desejos e seus respectivos solicitantes, assim, tive a ideia de criar o livro dos desejos, que era um livro no qual eu anotava os desejos e assim na medida do possível atendia sem entregar para a pessoa errada.

Essas "formas de vida que são vividas como que provisoriamente, como que à espera à beira, na borda" (MORAES apud MACÉ, 2018, p. 10) permaneceram por quase cinquenta dias, sob lonas azuis. Ali, bem ali no meio da praça a poucos metros do Ministério Público, da Prefeitura Municipal, do Tribunal de Justiça, da Assembleia Legislativa, ficaram à margem, sem eira nem beira os desterrados de sua pátria. Não fosse a grande festa religiosa que batia à porta, pois outubro já irrompera, talvez ainda estivessem sob as lonas azuis.

## **Conclusões**



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Com este texto tive a pretensão de compartilhar parte de meu trajeto criativo na pesquisa de campo, onde as situações do dia a dia em campo solicitam decisões e escolhas para se atingir um dado objetivo na pesquisa, na medida em que o fazer se inventa no próprio ato e a interpretação é um processo ininterrupto e um esforço constante de penetração, em que os graus de compreensão são infinitos, e nem se pode dizer quando é que termina um processo (PAREYSON apud RANGEL, 2015, p. 26). Ademais, o mote da pesquisa visa contribuir com a ampliação de consciências para a questão da imigração para Belém dos indígenas venezuelanos da etnia Warao, por entender que é um tema recente em nossa história, impactando a todos, portanto tal tema se inscreve na ordem do dia.

**Palavras-Chave:** Imigração; Errância; Warao

### **Referências Bibliográficas**

- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS (Brasil). **Notas informativa para municípios sobre chegadas espontâneas de população venezuelanas, incluindo indígenas**. Brasília: [s.n.], 2019.
- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS (Brasil). **Protegendo refugiados no Brasil e no mundo**. Brasília: [s.n.], 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- DAWSEY, John; MOLLER, Regina; MONTEIRO, Marianna (Orgs.). **Antropologia e performance**. São Paulo: Terceiro nome, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico/As heterotropias**. Tradução Salma Tannus Muchaill: n-1 Edição, São Paulo, 2013.
- JACQUES, Paola. **Elogio aos Errantes**. Salvador: Edufba, 2012.
- MACÉ, Marielle. **Siderar, considerar-Migrantes, formas de vida**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2018.
- REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais**. In BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: E. Universidade/UFRGS, 2002, p. 123-140. Disponível em:  
<http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/CENA/DOC/DOC00000000046610.PDF>- Acesso em 24/11/2019.
- Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, Manaus: Edua, 2000.